

# Casa Minos: um ateliê-lar

Casa Minos: a home studio

Casa Minos: estudio en casa

**Giovana Moura Domingos (UFSM-Brasil) <sup>1</sup>**

**Gisela Reis Biancalana (UFSM-Brasil) <sup>2</sup>**

1 Doutorando PPGART-UFSM; docente temporário do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2025); Mes. Artes Visuais UFSM; Bel. Dança UFSM; Ldo. Educação Física FAC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6431209958946752>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2530-7901>; Email: [giovana.domingos@acad.ufsm.br](mailto:giovana.domingos@acad.ufsm.br)

2 Docente do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); membro permanente PPGART. Mestre e doutora em Artes pela UNICAMP, Pós-doutorado na DeMontfort University, UK. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0704025010266511> ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7153-0197>; Email: [giselabiancalana@gmail.com](mailto:giselabiancalana@gmail.com)

**RESUMO**

A presente escrita aborda reflexões sobre a vida pulsante da Casa Minos, um ateliê de artista que completa, em 2025, um ano de existência em estado de arte. O objetivo da Casa é promover um espaço de viver e de experimentação, estudo, pesquisa e partilhas na arte contemporânea. As trocas em curso constroem os afetos entendidos como pulso e impulso do fazer-saber no campo das artes, no complexo mundo contemporâneo. Metodologicamente, a prática artística na Casa sustenta-se pelo paradigma da pesquisa performativa debatida por Brad Haseman. Como produções artísticas, entre tantas já desenvolvidas nesse espaço, o texto recorta a prática de lambe-lambe e a experiência de exhibir a videoperformance “Para o silêncio” no Festival Treta. Nessa perspectiva, a Casa Minos é um ateliê-lar que provoca rupturas com os meios eurocentrados de existir. Por meio do fazer artístico em casa, têm sido possíveis reorganizar modos de comer, beber, dormir, enfim, viver.

**PALAVRAS-CHAVE**

Ateliê-Casa de Artista; Arte Contemporânea; Experimentar; Pesquisa Performativa; Política.

**ABSTRACT**

This article reflects on the vibrant life of Casa Minos, an artist's studio that will celebrate its first anniversary in 2025. The Casa's goal is to foster a space for living and experimenting, studying, researching, and sharing contemporary art. The ongoing exchanges build affections, understood as the pulse and impulse of knowledge-making in the field of art, in the complex contemporary world. Methodologically, the Casa's ongoing artistic practice is underpinned by the paradigm of performative research discussed by Brad Haseman. Among the many artistic productions already developed in this space, the text explores the practice of lambe-lambe and the experience of exhibiting the videoperformance “Para o silêncio” (For Silence) at the Treta Festival. From this perspective, Casa Minos is a studio-home that provokes ruptures with Eurocentric ways of existing. Through artistic practice at home, it has been possible to reorganize ways of eating, drinking, sleeping, and, ultimately, living.

**KEY-WORDS**

Artist's Studio-Home; Contemporary Art; Experimentation; Performative Research; Politics.

## RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la vibrante vida de Casa Minos, un estudio de artistas que celebrará su primer aniversario en 2025. El objetivo de la Casa es fomentar un espacio para vivir, experimentar, estudiar, investigar y compartir arte contemporáneo. Los intercambios continuos construyen afectos, entendidos como el pulso y el impulso de la creación de conocimiento en el campo del arte, en el complejo mundo contemporáneo. Metodológicamente, la práctica artística de la Casa se sustenta en el paradigma de la investigación performativa, planteado por Brad Haseman. Entre las numerosas producciones artísticas ya desarrolladas en este espacio, el texto explora la práctica de la publicidad en lambe-lambe y la experiencia de exhibir la videoperformance “Para o silêncio” (Para el Silencio) en el Festival Treta. Desde esta perspectiva, Casa Minos es un estudio em casa que provoca rupturas con las formas eurocéntricas de existencia. A través de la práctica artística en casa, ha sido posible reorganizar las formas de comer, beber, dormir y, en definitiva, vivir.

## PALABRAS-CLAVE

Estudio-Casa del Artista; Arte Contemporáneo; Experimentación; Investigación Performativa; Política.

Essa escrita reflete acerca de experiências vividas no primeiro ano de habitação na Casa *Minos*, um espaço de investigação artística performativa elaborado para acolher o desenvolvimento de pesquisas plurais em expansão no campo das Artes. Esse ateliê-casa de artista, tem como objetivo inicial, ser um espaço para fazer-pensar arte a partir da vida do ser que a habita e que, antes de se afirmar artista, se percebe vivo em um fluxo de existência múltiplo e diverso. Por esse motivo, antes de tudo, definimos que a escrita se dará passando principalmente pelo masculino, pois o primeiro autor dessa escrita coletiva é pessoa uma pessoa trans não binária que atende na institucionalidade por ele/dele. Além disso, escrevemos em duas mãos, artista-pesquisador em doutoramento e orientadora, uma vez que entendemos esse fluxo como agente-produtor de trocas em expansão durante o andar da pesquisa. Nesse contexto, afirmamos a Casa como espaço que articula um manancial de saberes-fazeres artísticos em desenvolvimento atravessando intensamente um ambiente múltiplo, simultaneamente despojado e comprometido com o mundo contemporâneo em crise e o campo da arte.

Abordar um pensamento que discorre sobre as crises e rupturas paradigmáticas de saberes-fazeres no mundo contemporâneo é tarefa árdua. É improvável compreender um momento em que se vive e está em transformação. No entanto, um breve percurso por acontecimentos recorrentes pode ajudar a situar as artes em contexto expandido e o que interessa, os ateliês de artista. Habitamos um mundo fragmentado, pluralizado, espetacularizado, virtualizado, assentado no império do sistema capitalista globalizado, em uma avassaladora destruição do ambiente. Esse é o panorama em que estamos aprendendo a viver, ou sobreviver.

O “princípio da incerteza” apontado por Heisenberg em 1927 contribuiu com a problematização da ideia do determinado (Cohen, 2007, p. 97). Essa chacoalhada nos modos de pensar, desestabilizou o conhecimento em diversas áreas como na arte. As experiências do músico norte-americano John Cage em parceria com o coreógrafo Merce Cunningham são um exemplo pontual de colaboratividade e incorporação do improvisado no campo das artes. Einstein, também abala o pensamento sobre a relação entre tempo e espaço com a teoria da relatividade. Assim, a disjunção do espaço e do tempo rompem definitivamente com a linearidade e causalidade da ação na cena teatral (Cohen, 2007, p. 108-109). O aparente caos reverbera-se na flexibilidade da arte ao admitir o imprevisto da processualidade instantânea como também se percebe na *action painting* de Pollock.

A insegurança causada pela falta de estabilidade e a ameaça de desaparecimento do modo hierárquico de operar por meio da dominação instalam um campo de insatisfação reacendendo vertentes conservadoras. Esses tensionamentos estimulam campos de resistência a partir de narrativas diversas. Assim, o clima de abertura para insurgências no campo da arte se revigora e se alia às demandas da vida. Nesse turbilhão de transformações e crises paradigmáticas, a arte contemporânea se instaura reafirmando as aproximações arte-vida. Há de se mencionar, ainda, os posicionamentos políticos decoloniais e a defesa do sul global.

Para esta incursão sobre a Casa *Minos*, apontaremos ações que colaboram com a desestabilização de estruturas eurocêntricas, do que tem sido entendido como modo de fazer arte e constituir um ateliê de artista. Entre incontáveis possibilidades recentes no campo da arte, ressaltamos: rupturas de fronteiras entre linguagens, hibridização, questionamento dos espaços legitimados como os ateliês tradicionais, galerias de arte e museus, aproximações arte-vida, especificamente os atravessamentos das questões de cunho político, bem como multiplicação de produções colaborativas artísticas e teóricas como aparecem na construção desta escrita reflexiva.

Destacamos aqui o efervescer de ações colaborativas que se expandem a partir de um habitar radicante. Para Bourriaud (2011, p. 50) o ser radicante é o “vínculo com seu ambiente e as forças do desenraizamento entre a globalização e a singularidade, entre a identidade e o aprendizado do Outro”. Alguns desses elementos se contextualizam ao longo desse texto. Também vislumbramos aqui, o ato de habitar de acordo com Pallasmaa (2017, p. 7) enquanto um “modo básico de alguém se relacionar com o mundo”. A Casa *Minos*, portanto, tem sido capaz de tecer e firmar redes sociais a partir das pessoas que passam por ali, independente da frequência temporal.

O nome *Minos*, é um anagrama com o último sobrenome do artista, herdado de seu pai: Do**MINgOS**. A identidade visual (figura 1) foi contratada e produzida pelo Estúdio Animma em 2023. A imagem é bússola que não demarca pontos cardeais principais (norte, sul, leste, oeste), mas sim meios de caminho entre eles (nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste). É do meio que se parte, para o meio se direciona a atenção. Assim como na arte, para Lancri (2002, p. 18) é, “[...] no meio que convém fazer a entrada em um assunto. De onde partir? Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância”. O paradigma da pesquisa performativa que orienta as práticas metodológicas da pesquisa também questiona o ponto de partida das investigações no campo das artes deslocando dogmas instituídos há séculos. Assim, a bússola nesse caso não é norteadora para uma rota, mas um sinalizador de movimento.

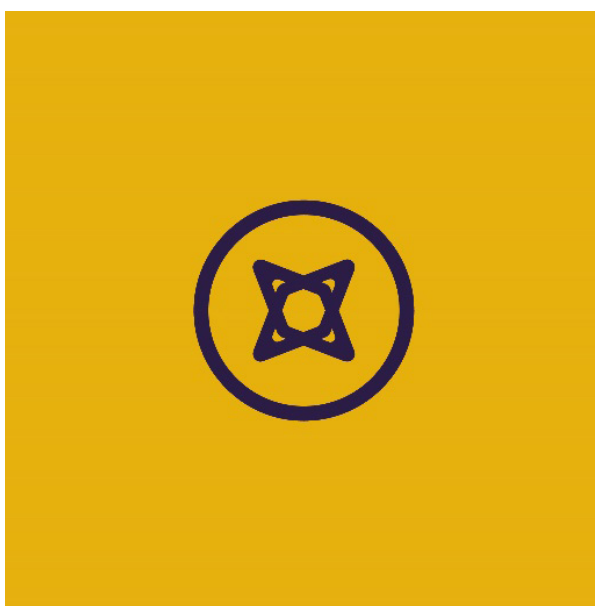


Fig. 1. Identidade visual Casa Minos, 2023. Fonte: Estúdio Animma

O espaço surgiu dessa premissa de partir do meio de uma vida e suas práticas para elaborar o fazer artístico. O interesse dessas reflexões é sobre COMO a pessoa habitante faz-pensa-age-sente. A Casa *Minos* é resultado desse COMO fazer, mas não é o único nem o último uma vez que ele é atravessado por pensamentos, sentimentos e ações em conexão com o mundo vivido e as questões socioculturais e políticas em ebulição atravessando a prática artística em curso. Assim, o COMO fazer artístico por meio da *Minos*, se constitui como o radicante supracitado. A abertura da Casa foi o primeiro COMO e aconteceu em julho de 2024, cinco meses após o início do primeiro ano de doutorado do artista, autor primeiro desse texto. Entretanto, a intenção criativa da *Minos* precede esse período. Em meados de maio de 2023, ainda no mestrado, o artista deu início ao projeto da casa como alternativa aos efeitos da pandemia de Covid-19. No entanto, essa alternativa foi apenas o pulso necessário naquele momento que possibilitou um desejo anterior ao isolamento social, não implementado por falta de condições financeiras.

Vale destacarmos que a pós-graduação, como categoria de trabalho no Brasil, aliada a um governo triturador da saúde e da educação – para não estendermos à dignidade humana –, sofreu as consequências desse período compreendido entre 2019 e 2022. A exemplo disso, Lizardo (2023, p. 8) afirma que, “afastados de seus laboratórios, salas de aula e campos de pesquisa, os(as) pós-graduandos(as) se viram inseguros, adoentados e se tornaram em muitos casos, responsáveis pela renda familiar”. A Casa *Minos* surgiu pela demanda de um espaço adequado para investigação artística, condições financeiras mais justas para que a pesquisa acontecesse e, principalmente, geração de dignidade e qualidade de vida. A pesquisa em nível de pós-graduação, no Brasil, exige dedicação exclusiva principalmente se financiada, que é o caso do trabalho de doutoramento desenvolvido na *Minos*.

Contudo, os valores disponibilizados não suprem todas as demandas básicas de investimento na pesquisa considerando que, por trás do ato de investigar, existe uma pessoa que precisa comer, beber e dormir. A Casa *Minos* é, portanto, um espaço simultaneamente privado de moradia, público porque é local de trabalho de uma pesquisa desenvolvida em uma instituição federal comportando as ações nela em curso e, por fim, coletivo porque acolhe outras pessoas e artistas em trânsito. O espaço tem proporcionado um lugar de existência, pois possibilita: criar, expor, realizar trocas e produzir renda em conexão com o trabalho investigativo da pós-graduação.

Desse modo, é a partir desse existir, fazer, pensar, sentir, agir da-na-pela *Minos*, que esse texto pretende transitar refletindo sobre os estudos e as pesquisas práticas. Em um fluxo repleto de altos e baixos, mergulhado em uma prática respaldada pelo que estamos entendendo como paradigma da pesquisa performativa como apontado acima e que sustenta o fazer-saber metodológico em movimento. É a partir desse conceito operatório que: discorreremos inicialmente sobre o que é a casa e as memórias articuladoras do passado-presente-futuro; evocamos o autocuidado e cuidado com o outro; atentamos para a abordagem dos inevitáveis atravessamentos do mundo capitalista; assentamos a discussão sobre as relações entre vínculo e desenraizamento na produção artística; e debatemos o engajamento político da proposta. Enfim,



o texto traz duas produções da Casa como recorte de suas práticas artísticas, a saber, o lambe-lambe e a visita à Casa da Praça por ocasião da apresentação da videoperformance “Para o silêncio” no Festival Treta. A reflexão é trespassada, ainda, pelas colaboratividades do percurso e pelos desígnios do mundo no campo da arte contemporânea.

## **Memória como articuladora entre passado, presente e futuro na Casa Minos**

Localizada atualmente no centro da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a Casa *Minos* está sediada em um apartamento alugado. O local é amplo e foi construído no século XX, seus encanamentos têm pouca pressão, os azulejos são antigos e o piso de madeira tem cupim. Edificações antigas para Pallasmaa (2017, p. 8) são, “[...] confortáveis e estimulantes, pois nos situam no contínuo temporal”. Antes de ser *Minos*, esse ambiente contém outras histórias embrenhadas em sua estrutura. No entanto, o único momento temporal possível de ser apreendido é o presente da experiência vivenciada nela. Transformá-lo em moradia-ateliê de artista tem conectado o tempo passado ao futuro, constituindo-a como Casa *Minos* (figura 2).



Fig. 2. Registro da Casa *Minos*, 2025. Foto: Joan Felipe Michel.

A escolha por um apartamento antigo para sediar um ateliê de artista se deu, inicialmente, também pela necessidade de uma acústica razoável, pois a música também faz parte das pesquisas em curso. Pela experiência de morar com outras pessoas, o pesquisador descobriu ser um artista barulhento. Isso requer privacidade e a construção de respeito com a vizinhança começa pela convivência empática. Além disso, o vizinho do andar de baixo da Casa *Minos* é músico e, até o momento, não houve nenhum conflito. Percebemos, assim, que não é apenas a *Minos* que tem acolhido o fazer artístico em habitação pelo entorno.

O artista saiu de casa aos dezessete anos de idade para estudar e trabalhar. Porém, passou a morar sozinho somente a partir da pandemia de Covid-19 como apontado acima. A experiência de habitação até então foi em casas, apartamentos, kitnets, ocupações, moradia estudantil, estruturas de concreto e madeira, entre outras, mas todas coletivas caracterizando-se por ambientes tumultuados e calmos, com pouca ou muita gente. Esse processo todo em diferentes espaços compartilhados aconteceu também em cidades diferentes do estado de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

Para além da pandemia, a necessidade por privacidade cotidiana se tornou urgente quando questões relativas ao início do processo de diagnóstico de neurodivergência durante o mestrado vieram à tona. Em meio a crises psíquicas, foi preciso causar um espaço de auto acolhimento, que proporcione a capacidade de viver e criar. Lygia Clark artista pioneira no movimento neoconcreto compreende a ideia de saúde como a, “vitalidade da capacidade de criar” (Rolnik; Diserens, 2006, p. 16). A Casa *Minos*, tem proporcionado momentos singulares de renovação das capacidades criativas em arte-vida. Tem construído memórias que passam por choros e sorrisos, às vezes solitários, outras compartilhados. As experiências nesse lugar têm fortalecido a concepção de lar, casa e habitação de artista, bem como viabiliza as trocas e a privacidade em meio a um território que se encharca de afetos permitindo a instauração de um ambiente aberto à criação em arte.

As memórias da presença nesse lugar têm sido fonte de matéria criativa e, no fazer cotidiano, elas são capazes de ativar conexões entre passado e presente. Sobre o despertar de memórias, Bergson (1999, p. 179) afirma que, “[...] é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida”. A Casa *Minos* então, tem acolhido fazeres que despertam a memória, e ela por sua vez, desperta mais ações, dessa vez artísticas. Percebemos incontestavelmente que o ser-estar nesse espaço múltiplo favorece a construção de um conjunto de novas memórias que futuramente constituirão sentidos outros do fazer.

Revirar um pensamento processual da prática na *Minos*, compreende a pesquisa performativa como um padrão dos procedimentos metodológicos vislumbrando uma pesquisa-guiada-pela-prática. O Manifesto pela Pesquisa Performativa, de Haseman (2015, p. 44), defende que “pesquisadores guiados-pela-prática não iniciam o



projeto com a consciência de “um problema”. As pesquisas acadêmicas esbarram em limitações restritivas históricas. O campo da arte anuncia uma emancipação das fórmulas sustentadas pelo problema/hipótese, literatura relevante, objetivos, métodos, resultados. As pesquisas em arte enquadradas na expectativa do resultado escrito em forma de dissertação ou tese também esbarram em um entrave acadêmico. Reivindicar a arte como geradora de conhecimento por si própria, é prática recorrente. Fernandes et al. (2018) postula a conexão de vertentes.

[A] arte como campo expandido vai além da criação artística e mesmo da pesquisa realizada nos processos de criação em artes, para se tornar o modo através do qual organizamos materiais diversos no contexto acadêmico, com resultados para além do produto artístico e da universidade (FERNANDES et al., 2018, p. 9).

O ateliê de artista Casa *Minos*, vive a partir dessa premissa de existir em fluxo contínuo de produção múltipla, híbrida, colaborativa, adentrando espaços para além daqueles legitimados e sendo, ela própria, um espaço de arte que aproxima e confunde as fronteiras entre arte e vida. Na *Minos*, “o indivíduo pesquisador se torna o meio necessário para a pesquisa acontecer” (Fernandes et al., 2018, p. 10). Essas ideias reforçam a centralidade do corpo e da vivência/experimentação da-na-pela Casa, onde se constitui o processo de criação e produção de conhecimento, tanto individual quanto coletivo.

## Capitalismo, autocuidado e partilhas

As ações artísticas desenvolvidas na Casa *Minos*, até o momento, envolvem manifestações que passam pelas artes visuais, dança, música e escrita poética. São ações performativas (presenciais ou em vídeo), dança do ventre, lambe-lambe, desenho e a prática musical com o derbake<sup>3</sup>. Como alternativa financeira para suprir as questões mencionadas anteriormente, em casa, o artista abriu espaço para o cultivo de momentos voltados para o ensino-prática da dança do ventre e de aulas de consciência corporal. Esses momentos são direcionados ao público geral e acontecem na intitulada *sala move* (figura 3), um cômodo espaçoso para se movimentar, equipado com um grande espelho em uma das paredes.

---

3 Instrumento de percussão com som metálico, comum no contexto da música árabe



Fig. 3. Registro da sala move, 2025. Foto: Joan Felipe Michel.

A Casa *Minos* acolhe, desde agosto de 2024, a artista Ananda de Oliveira que não mora no espaço, mas o frequenta semanalmente para ministrar aulas e momentos para compartilhar dança. Ela relata que a Casa tem sido um espaço de construção de redes sociais e autonomia profissional no ensino de arte. Ananda entende essa experiência como um, “princípio fundamental que norteia a atuação dentro desse espaço, possibilitar que a arte seja não apenas a expressão de um resultado, mas ferramenta de transformação e cuidado de si”. Desse modo, o aspecto colaborativo desse ambiente vai além da busca por gerar um objeto de arte para ser também um lugar de partilha.

Na *Minos*, não é só quem reside que usufrui do ateliê criativo. O público que a frequenta é constantemente convidado a emergir nas decisões que colocam a arte no mundo. Em atividade na Casa existe o Grupo *Minos* (figura 4), um coletivo de pessoas que dançam-criam juntas. Como característica comum de trabalhos colaborativos, Bishop (2016, p. 147) aponta sua convicção na, “[...] criatividade da ação coletiva e nas idéias compartilhadas como forma de tomada de poder”. Assim, a satisfação final não gira em torno de gerar um objeto artístico. O que se busca nos momentos de habitação coletiva é poder decidir como fazer.



Fig. 4. Registro do Grupo *Minos*, 2024. Foto: Paulo Barauna.

Além disso, a Casa *Minos* tem sido um lugar que pretende possibilitar o autocuidado e acolher as escolhas feitas para isso. Escolher a si é um ato político, pois de acordo com hooks (2019, p. 106) “aqueles que nos dominam e nos oprimem se beneficiam quando não temos nada para dar a nós mesmas”. Uma casa para habitar, experimentar, fazer arte e tomar decisões é um espaço para escolher dar algo a si; o que dar a si; como dar a si. Mais que isso, ao oferecer algo a si, abre-se um espaço para acolher o outro, pois estar bem consigo é estar disponível, aberto às brechas de sintonia/sinergia com outras pessoas.

Assim, entre as formas de fazer arte na Casa temos nos desvinculado da dependência do capital. No Rio Grande do Sul, o nome dado para a troca de bens e serviços sem uso de dinheiro é brique. Algumas pessoas que frequentam o espaço, fazem brique com os serviços pontuais que oferecem. Essa ação assemelha-se ao escambo cultural que, de acordo com Santos (2021, p. 17), é um “[...] processo de troca entre culturas, no qual fontes culturais diversas interagem entre si e promovem o desenvolvimento e manutenção de um segmento cultural ou mesmo a criação de um novo conceito artístico”. Algumas das trocas frequentemente realizadas na *Minos* são: aulas de consciência corporal e dança por sessões de tatuagem, massoterapia e, ainda, produtos alimentícios e plantas.

Porém, vale ressaltar que esse brique ali realizado ainda não tem a capacidade de suprir todas as necessidades de ser no contexto da Casa. Sabemos que essa capacidade é uma condição utópica, pois vivemos sob o império do sistema capitalista. No entanto, a busca pela utopia pode mover desejos e contribuir para construção de campos de resistência. Sem dúvidas, é preciso pagar as contas todo mês com

dinheiro, então é preciso continuar estabelecendo relações com o sistema capitalista ao qual o mundo está orientado e que nos aperta mais a cada dia.

Contudo, a prática de trocar serviços sem influência dele, nos mostra que não estamos completamente algemados ao sistema, é possível projetar saídas de emergência. Durante a pandemia, o brique foi uma das soluções solidárias para muitos desempregados. Como efeito pandêmico, Morin (2020, p. 28) afirma que, “a solidariedade estava adormecida em cada um de nós e despertou durante a prova vivenciada em comum”. Bricar também vale para bens como arte e cultura. Esse propósito tem nos auxiliado nos processos de autocuidado e do outro como ato de solidariedade, um modo de operar o acolhimento tão escasso no âmbito do sistema capitalista.

Assim, um espaço de habitação artística cotidiana tem sido capaz de construir e fortalecer redes sociais por meio de coletividades e em equidade decisiva e criativa. Alinhado a isso, o modo de operar da Casa fortalece também a singularidade das pessoas que integram tal rede. Assim, o fazer e pensar arte como profissão, por sua vez, adquirem outros sentidos a partir da prática de brique. O valor de um fazer artístico se torna independente da bolha capital mesmo que, momentaneamente, para recompor os sentidos que a arte é capaz de nos causar.

## **Forças de desenraizamento e vínculo: lambe-lambe, desconforto e Treta**

Um dos elementos que caracteriza o saber-fazer artístico na Casa *Minos* é o desenraizamento em contraponto ao vínculo. Isso diz respeito, especificamente, ao artista que aqui faz e como está fazendo. O COMO destacado no início do texto, se manifesta não só no fazer presente, mas também em memórias de habitação durante sua trajetória de vida e que se reverberam continuamente nas práticas em curso. Muito antes da *Minos*, o pesquisador já se relacionava com o mundo de modo movente. Viajar, se deslocar, perambular pelas ruas são características identitárias do artista que se reprimiram durante a pandemia. A Casa *Minos*, por meio da construção do vínculo, permitiu renovar os desejos por desenraizamento. Para Bachelard (2008, p. 201) a casa “[...] abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”. O que se sonha na paz desse ambiente é fazer arte dentro e fora dela. Muito além de sonho, isso tem se tornado um fazer, concreto, real.

Uma das ações que recortamos para esse texto que vai da Casa para a rua é a prática de lambe-lambe<sup>4</sup>. Essa prática não começa na intervenção urbana de colar, mas sim na ideia de confeccioná-los. Os lambes pensados e confeccionados na *Minos*, ocupam não só os postes e tapumes nas ruas. Na sala de estar está a *Parede desconfortável* (figura 5), uma instalação coletiva que tem como ponto de partida um de seus lambes intitulado *O que te deixa desconfortável?* (2024). Na sua volta, estão sendo inseridos trabalhos artísticos voluntários de outras pessoas.

---

4 O lambe-lambe ou lambe é a prática de comunicar e fazer arte por meio da colagem de cartazes em espaços urbanos. Os materiais, mensagens e imagens são variados de acordo com o contexto e objetivo.





Fig. 5. Registro da Parede desconfortável, 2025. Foto: Giovana Domingos.

Essa ideia começou quando um amigo deu de presente dois prints de pinturas feitas pelo namorado. Ao refletir sobre como o desconforto se manifesta na arte, o artista começou a pedir que outras pessoas respondessem à pergunta de modo artístico. As proposições já coladas na parede acompanham conversas amistosas sobre o que é o desconforto de modo individual para cada um. Essas partilhas se parecem mais com um diálogo entre amigos do que uma justificativa formal sobre a obra.

A questão sobre o desconforto colocado no lambe é uma das inquietações principais do trabalho artístico desenvolvido na *Minos*. Esse tema parte das reflexões sobre solidão e reclusão que restaram da pandemia. Colar lambe-lambe pelas ruas da cidade despertaram novamente o desejo por desenraizar de vez em quando. Das séries criadas na Casa, algumas colagens já foram feitas por Santa Maria, Porto Alegre e Novo Hamburgo. Por colaboração um desses lambes decidiu viajar sem o artista e foi colado em Monte Negro, RS.

Além dos lambes, outra empreitada escolhida para ser mencionada aqui diz respeito a outro ateliê de artista que também é habitação: a Casa da Praça. O artista esteve hospedado na Casa da Praça na cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, em setembro de 2025 para participar do TRETA, *Festival de Cinema e Performance*

*Dissidente*. A casa está localizada na rua Cacequi, número 19, bairro Boa Vista. O espaço é uma ocupação artística que, desde 2013, oferece atividades culturais ao público do município. A Casa da Praça possui dois andares e divide-se em frente e fundos. Na entrada encontramos uma sala expositiva e um cômodo social com sofás. No segundo andar localizam-se laboratórios de criação em artes visuais, cênicas e música. Nos fundos do primeiro andar estão os quartos de alojamento, banheiros e uma cozinha comunitária.

Compartilhar aqui a passagem por lá é um modo de fortalecer as reflexões sobre o ateliê de artista como um território de construção de vínculos, resistência e liberdade. Para relatar a experiência no Festival Treta e na Casa da Praça, passamos a escrita para a primeira pessoa, como modo de manter a profundidade de uma vivência que aconteceu apenas com uma das pessoas autoras, a saber, o artista-pesquisador doutorando e morador da Casa *Minos*.

A participação no Festival foi garantida por meio de uma seleção por edital. O trabalho que integrou a programação do Treta é uma videoperformance de 3:15 min, intitulada “Para o silêncio”. Esse trabalho contém registros da colagem do lambe “Jalaná (charrua)”, uma colaboração feita com Sepeo ItAncaj (Dane Molina) amiga, artista indígena residente em Pelotas, RS. O provocativo de ambos os resultados artísticos aqui, é pensar sobre a diferença entre estar em silêncio e estar silenciado. O Festival Treta reuniu variados trabalhos pautados em questões como gênero e étnico-raciais, assuntos que passam por constante processo de silenciamento.

Ao chegar na casa fui recebido pelo artista, publicitário, organizador e morador da casa, Matheus (Gravatown). Junto a ele, residem em torno de três outros artistas. Em conversas com Matheus, soube que o imóvel pertence ao município de Novo Hamburgo e que no ano de 2025, recebeu ordem de despejo. Até o momento, a equipe que cuida da casa é composta por uma rede independente de artistas e produtores culturais de nichos variados. O coletivo da casa segue em processo de resistência diante do poder legislativo para que a ocupação possa permanecer ativa e ofertando atividades artísticas e culturais para a comunidade.

As atividades artísticas e culturais oferecidas na casa costumam ser gratuitas, com a tradicional passagem do chapéu para fins de apoio financeiro aos profissionais envolvidos. O espaço tem conseguido se manter por meio de editais de fomento à cultura, tal como o Festival Treta (figura 6). No último dia do evento, artistas se juntaram para preparar um almoço coletivo e organizar o espaço para as sessões de cinema. Muitos laços criativos e afetivos foram feitos durante os dias do festival. Reencontrei a amiga artista Dane, fiz amigos novos, vi e vivi muita arte.





Fig. 6. Programação Festival Treta, 2025. Fonte: Festival Treta

As experiências mais marcantes na passagem por essa casa são sobre o acolhimento recebido, a partilha do alimento, a providência do espaço para dormir e a comunhão de realidades dissidentes de ser, tais como ser trans, não-binário, indígena, negro, neurodivergente, entre outras. O espaço doméstico, como diz hooks (2019, p. 113) tem sido, “local fundamental de organização, de forma de solidariedade política. O lar tem sido um local de resistência”. A Casa da Praça, tal qual a *Minos*, é o teto do comer, dormir, banhar e construir o viver político comprometido para que, enfim, se possa praticar o fazer artístico e pensá-lo como profissão.

As redes construídas entre quem habita e quem apoia a Casa da Praça (figura 7) são consistentes, e de certo modo, me inseri nessa construção durante minha passagem por lá. Ao voltar para a Casa *Minos*, trouxe o desejo de continuar conectado ao laço formado em Novo Hamburgo. Sigo atento ao processo de movimentação de resistência em relação a ordem de despejo. Um abaixo-assinado foi elaborado, reuniões têm sido organizadas e principalmente as experiências diretas de vivência coletiva cotidiana na casa tem fortalecido a luta para permanência de um espaço para morar e fazer arte. Retornamos agora ao modo de escrita dupla para prosseguir nas reflexões feitas até o momento.



Fig. 7. Registro da Casa da Praça, 2025. Foto: Giovana Domingos.

## **A Casa Minos como prática política de existir em arte**

A Casa Minos como um espaço de habitar fazendo arte tem sido um lugar de manutenção do interesse pela vida, tão balançada pelas condições de trabalho na pós-graduação e pela pandemia. Quando a renovação acontece em relação ao lar, de acordo com hooks (2019, p. 116), “temos condições de abordar as questões políticas que mais afetam nossa vida diária”. Ao refletir sobre habitar a Minos fazendo arte, pela primeira vez em anos após o coronavírus, foi possível dizer e sentir que, uma casa é um lar, bem como, foi possível retomar práticas políticas cotidianas que fomentam o viver, tal qual a pesquisa que se desenvolve dentro dessas paredes. Tais práticas são relacionadas a não binariedade, neurodivergência e a causa palestina por meio do ensino problematizador da dança do ventre.

A arte com teor político fomentada na Minos carrega suas inquietações voltadas para os limites tênues entre arte e vida. Trata-se da escolha por ações comprometidas socioculturalmente. As questões latentes no mundo contemporâneo e pulsantes na Casa explicitam uma arte mergulhada na singularidade de cada um que passa por ali. Nesse contexto, a arte passa a ser grandiosa ferramenta para alavancar a luta social. Quebrar com sistemas rígidos instituídos a séculos por organizações dominadoras e opressoras. Se torna um desejo de ação contrário à apatia propagada em ambientes suscetíveis e vulnerabilizados. A arte de cunho político age como substrato ativador das lutas sociais sacudindo a inocência e a ignorância. A Casa Minos, então, encontra

seu lugar de existência que suspende o espaço-tempo e ressoa os embates políticos que escolhe, nas relações que estabelece a partir de si e dos outros que por lá passam. A Casa *Minos* é manifestação política em si pelos argumentos que alavanca. A arte

é política enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras [...] (RANCIÈRE, 2010, p.46).

Assim, o interesse pelo ateliê-casa *Minos*, um lugar que se faz lar por meio da ocupação do espaço com práticas artísticas rotineiras e engajadas politicamente, se apresenta como um caminho para subverter as consequências das crises estabelecidas no mundo como explanado no início deste texto. Ao refletir sobre a necessidade de mudar de via, a partir da pandemia, momento que surgiu a ideia da Casa, acordamos com Morin (2020, p. 77) quando ele afirma que, “estamos neste mundo assim como ele está em nós, e descobrimos que este mundo está em crise”. Entretanto, não é possível fazer isso sozinho o tempo todo e inerte o tempo todo.

A partir da Casa *Minos*, retoma-se o gosto pela escrita, pelo movimento, pela interação, pelo autocuidado, por estar em casa fazendo arte, por sair dela para fazer arte. Bachelard (2008, p. 201) diz que “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos [...]”. Com auxílio das redes construídas dentro dela, e indo para fora desse espaço, a via tem mudado. As práticas políticas têm ganhado outras formas e sentidos, agora mais coletivas, solidárias e cotidianamente artísticas.

## Considerações em Fluxo

Ao habitar-existir, fazer, pensar, sentir, agir do-no-pelo ateliê de artista chamado afetuosamente de Casa *Minos* transitamos por estudos e pesquisas práticas em curso absorvendo os fluxos do percurso desde sua criação. O mergulho em uma prática amparada pelo que entendemos como pesquisa performativa também foi conceito, suporte e meio da pesquisa. Portanto, o conceito operatório utilizado metodologicamente também resiste aos modelos eurocentrados e transborda pelo espaço-tempo investigativo como autocuidado e cuidado com o outro. A respeito dos inevitáveis atravessamentos do mundo capitalista, buscamos driblar a lógica da necessidade de adquirir coisas, imposta pelo mercado financeiro, como parte da vida no espaço do ateliê-casa.

No que se refere às relações entre vínculo e desenraizamento na produção artística compreendemos que o passado é ferramenta de manutenção do presente e construção do futuro. A memória ativada por meio da Casa *Minos* é renovadora de fazeres e afetos, bem como do desejo pela vida, dentro e fora dela. Assim o



vínculo não anula o desenraizamento e vice-versa. Desse modo, fazer arte em casa cotidianamente é um constante desenraizamento vinculado com sistemas de poder que moldam nossas possibilidades de comer, beber, dormir, enfim, viver.

Enfim, sobre o engajamento político da proposta, entendemos que ela abraça rupturas de fronteiras entre linguagens no seu fazer-saber hibridizado entre performances, vídeos, lambe-lambe, dança, entre outros modos de convívio. Os questionamentos dos espaços instituídos e legitimados como ateliês tradicionais, galerias de arte e museus são evitados, a favor do ateliê-casa que respira arte no seu cotidiano embaralhando-se com a vida diária. Assim, aproximações arte-vida, especificamente nas questões de cunho político enquanto escolha do artista-pesquisador borram as fronteiras entre arte e ativismo. Consideramos fundamental destacar a sinergia plantada na vivência experimental trespassada pelo debate sobre o mundo e a arte contemporânea, pelas escolhas políticas e pelo paradigma da pesquisa performativa que sustenta o fazer-saber metodológico da pesquisa.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BISHOP, Claire. A virada social: colaboração e seus desgostos. **Revista Concinnitas**, [S. l.], v. 1, n. 12, p. 144–155, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/22825>>. Acesso em: 04, dez. 2025.

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**: por uma estética da globalização. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERNANDES, Ciane; LACERDA, Cláudio Marcelo Carneiro Leão; SASTRE, Cibele; SCIALOM, Melina. A arte do movimento na prática como pesquisa. In: **CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**, 19., 2018, Natal. Anais. Natal: ABRACE, 2018. v. 19, n. 1, p. 1-24.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. In: **Resumos do 5o Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP** / organização: Charles Roberto Silva; Daina Felix; Danilo Silveira; Humberto Issao Sueyoshi; Marcello Amalfi; Sofia Boito; Umberto Cerasoli Jr; Victor de Seixas; – São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. v.3, n.1. p. 41-53.

hooks, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. Trás. Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019. 448p.

LANCRI, Jean. Colóquio Sobre a Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas na Universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002.

LIZARDO, Elisangela (org.); BONONE, Luana Meneguelli, OLORRUAMA, Dan FAIRBANKS, Cristiane; SOUZA, Euzébio Jorge Silveira de. **Dossiê Florestan Fernandes: Pós-graduação e trabalho no Brasil**. São Paulo: ANPG/CEMJ, 2023.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Colaboração Sabah Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

RANCIÉRE, Jacques. Política da Arte. In: **Urdimento**, Florianópolis, v.15, 2010. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102152010045> Acesso em: 04, dez. 2025.

ROLNIK, Suely; DISERENS, Corine. (Orgs.). Lygia Clark. **Da obra ao acontecimento**. Nantes, França; São Paulo: Musée des Beaux-Arts de Nantes; Pinacoteca do Estado de São Paulo: 2006. Catálogo.

SANTOS, Weberth Lima dos. **O escambo como metodologia de economia criativa da produtora casaloça: análise do espetáculo o cráudio**. Trabalho de conclusão de curso, Centro de Ciências Sociais, Curso de Comunicação Social - Rádio e TV. Universidade Federal do Maranhão. São Luís: 2021. 52 p. Disponível em: <<https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/6414/1/WERBETHSANTOS.pdf>>. Acesso em: 04, dez. 2025.

**Submissão:** 30/09/2025

**Aprovação:** 04/12/2025